

UC-NRLF

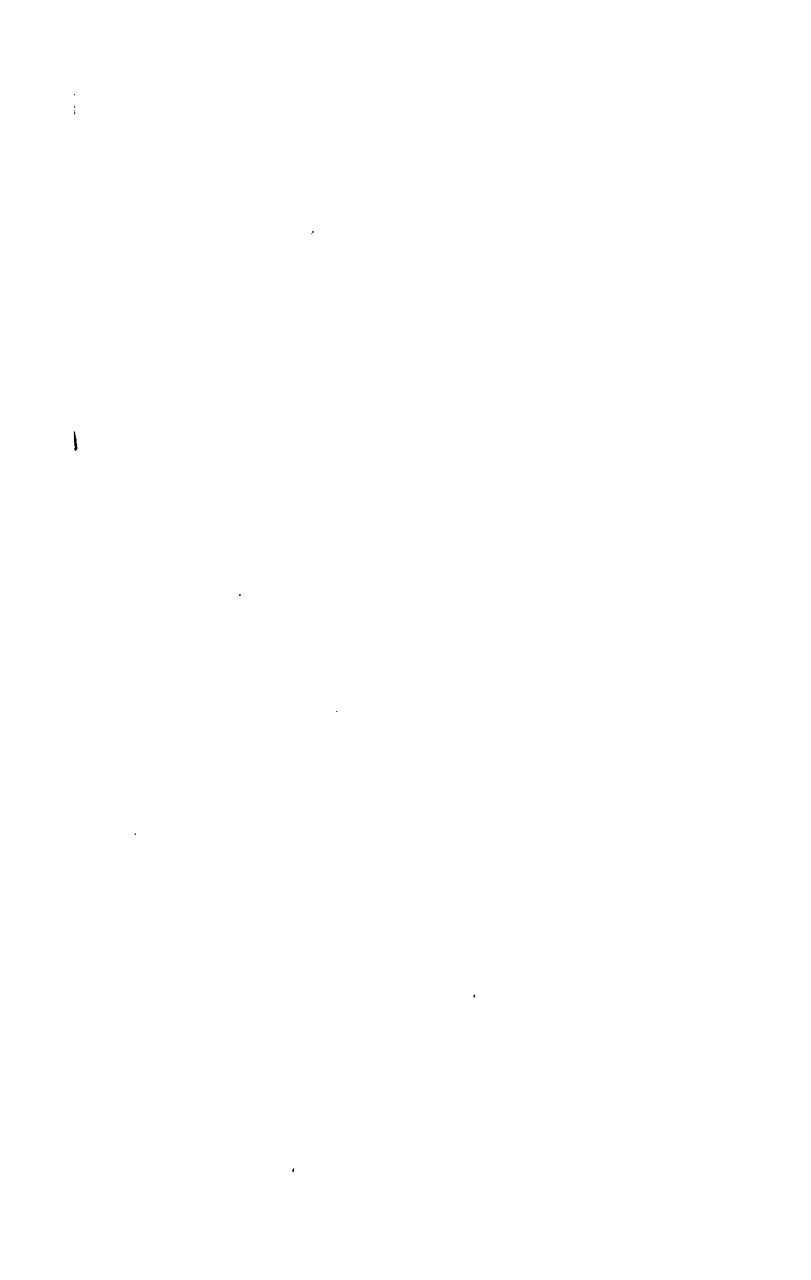


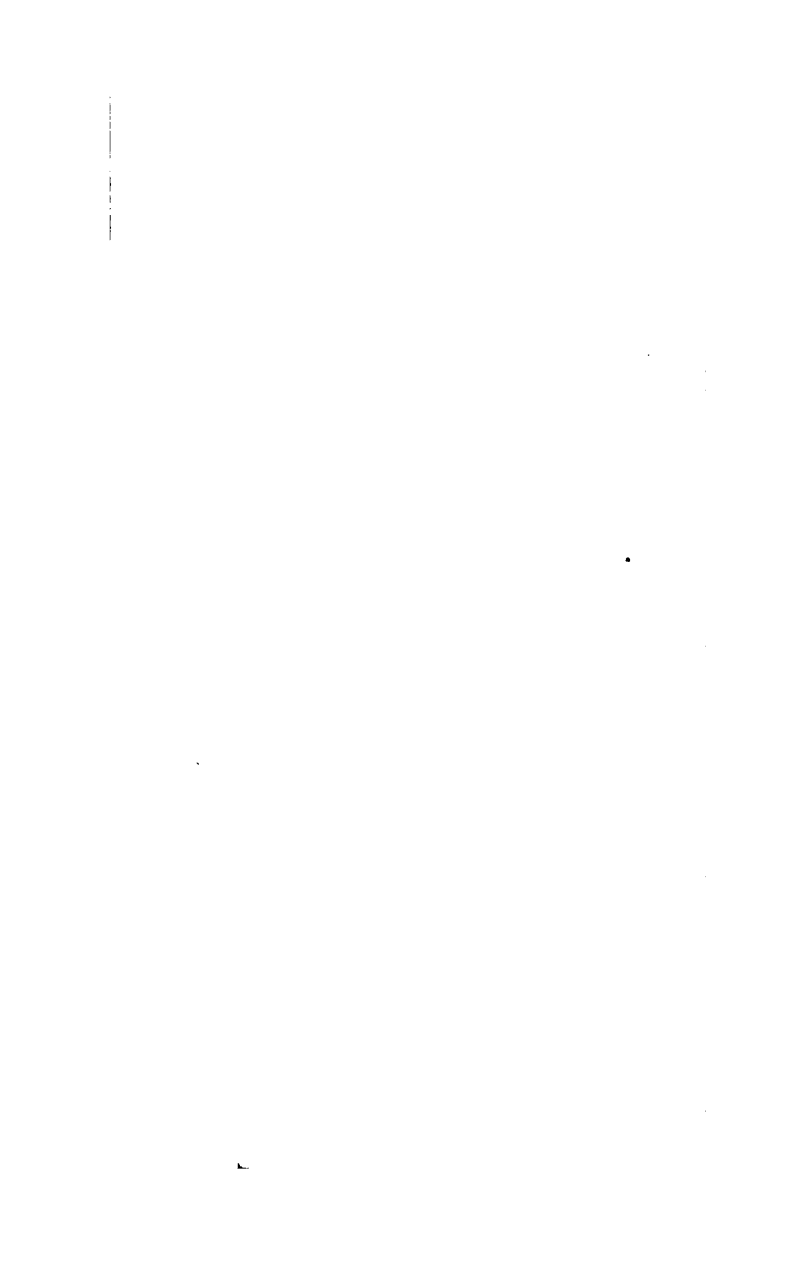
\$B 183 396

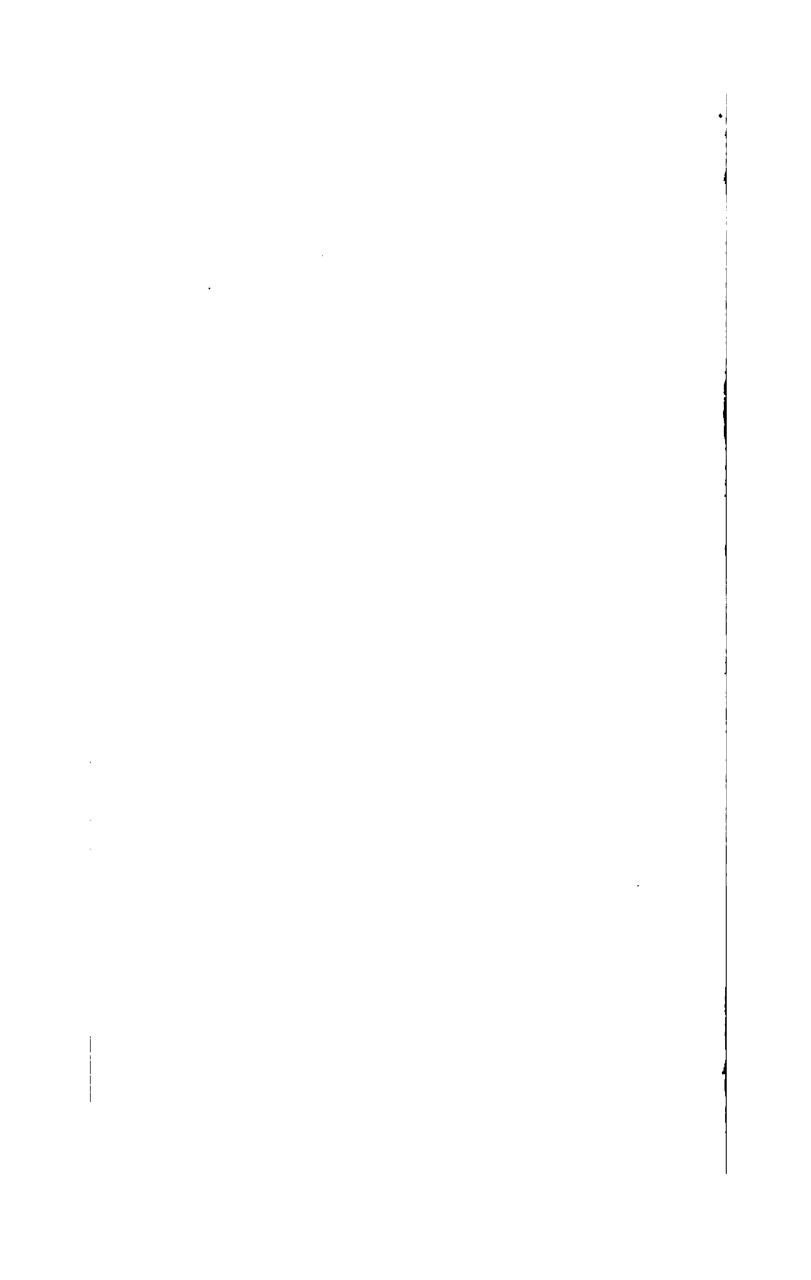


.









Boileau-Despreaux, Nicolas

**ARTE
POETICA
DE
BOILEAU.**

TRADUZIDA DO FRANCEZ

**PELO EXCELLENTISSIMO CONDE DA
ERICEIRA.**

**ACOMPANHADA A SOBREDITA TRADUCÇÃO COM A
CARTA QUE BOILEAU ESCREVEO AO EXCELLEN-
TISSIMO CONDE, AGRADECENDO-LHE A BELLA
TRADUCÇÃO QUE LHE REMETTERA DA SUA ARTE
POETICA.**



**L I S B O A ,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.**

1 8 1 8 .

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Méchas
no Largo do Caes do Sodré, N. 3. A.*

LOAN STACK



ARTE PQ1721
A7P6
1818
POETICA

DE

BOILEAU.

CANTO PRIMEIRO.

I.

Em vão quer no Parnaso hum temerario
Da Poesia tocar a sacra altura,
Se desde que nasceo tem por contrario
De hum influxo secreto a luz impura:
Ao seu genio captivo, estreito, e vario
Nunca Phebo concede a attença pura,
E o Pegaso volante, e generoso,
Se lhe nega detido, e vagaroso.

A 2

O vós, a quem o ardor com risco inflamma,
 Da discriçaõ na estrada perigosa,
 Naõ consumais sem fruto a nobre chamma,
 Se o genio foge, e o metro busca a proza:
 Temei hum gosto, que talvez infama,
 Com a vista agradavel, e enganosa,
 E se ha em vós, consultareis prudente,
 Furor divino, espirito valente.

Com engenhos fecunda a Natureza
 Os talentos reparte nos Autores;
 Hum têm nos Epigrammas a agudeza,
 Outro exprime de amor finos ardores,
 Malherbe canta de hum Heróe a empreza,
 Racan, Philis, e os bosques, e os Pastores,
 Mas quem se lisongêa, e favorece
 Se ignora a si, é o genio desconhece.

(5)

4.

Assim outro , a quem vio casa abatida
De versos com carvões tingir os muros ,
Canta com voz ousada , e presumida
Do perseguido Hebreo triunfos seguros :
E seguindo a Moysés nesta fugida
Pelos desertos barbaros , e escuros
Do cruel Pharaó entre os pezares
Corre a afogar-se em tormentosos mares.

5.

Ou se trate hũ assunto heroico, ou brando,
Nunca a rima ao conceito se adiante,
Hum com outro parece estaõ pugnando,
Mas serve como escravo o Consoante:
Para o achar primeiro trabalhando
Corre hum pouco o engenho vacillante,
Porém nunca a fadiga perpetua,
Pois logo com o uso se habitua.

(6)

6.

Ao jugo da razaõ serve obediente,
Sem captiva-la vem enriquece-la ;
Mas se ella se descuida negligente,
O Consoante livre se rebella :
Por tornar a doma-lo diligente
O sentido em segui-lo se desvéla ,
Amai pois a razaõ , que sempre illustre
Dá aos vossos escritos preço , e lustre.

7.

Da maior parte o animo insensato
Põe longe do sentido o pensamento,
E crem que humilhaõ monstruoso ornato,
Se de outro imitaõ menos nobre alento :
Sem excesso deixai este apparato
Da louca Italia ao falso luzimento,
A razaõ tem no acerto huma só via ,
O caminho he penoso , incerta a guia.

(7)

8.

Chêo hum Autor diffuso d'huma idéa,
Nunca sem a esgotar a desampara,
Pinta a hum Palacio a face, e me passêa
De eirado a outro eirado, e nunca pára:
Balcões, e galerias me nomêa,
O ouro aos balaustres fino aclara,
Astragalos, festões deixa pintados
Entre planos, esfericos, e ovados.

9.

Salto de vinte folhas a distancia,
E no ultimo jardim me salvo apenas;
Fugí de taõ esteril abundancia,
Emprego inutil das Heroicas pennas:
A demasia hé chêa de ignorancia,
Desprezaõ-na cançadas as Camenas;
Quem naõ detem o arrebatado pletro,
Malquista a voz, desautõriza o metro.

IO.

Por emendar do baixo estylo o vicio ,
Ao verso , que era humilde , fazeis duro ;
O temor vos conduz a hum precipicio ,
Evitando o ser largo , sois escuro :
Hum , a quem falta influxo mais propicio ,
Fica desalinhado por ser puro ,
E outro que subir quiz , por elevado
Desde as nuvens naufraga despenhado :

II.

Quem quer lograr do publico os louvores ;
De variar discursos nunca cessé ,
O estylo igual , unidos os primores ,
Aos olhos que suspende , resplandece :
Que pouca estimaçaõ tem os Autores ,
E que enfadoso o seu cantar parece ,
Quando em hum mesmo tom nada jocundo
Nos mataõ psalmeando pelo mundo .

12.

Ditoso aquelle, cujo nóbre alento
Os estilos nos metros alternando,
Sabe passar com hum ligeiro accento
Do grave ao doce, do severo ao brando:
Estimado o seu livro do alto assento,
E aos discretos Leitores venerando
Sempre o procura em ambição gloriosa
À porta do impressor a turba anciosa.

13.

Evitai nos escritos a baixeza,
E entre o jocoso resplandeça o serio;
O burlesco algum tempo sem grandeza
Teve por novo na attenção o imperio:
Do trivial equivoco a agudeza
Foi do Parnaso indigno vituperio;
Esta licença já sem freio, ou polo,
Póz disfarces ridiculos a Apollo.

14.

Todo o mundo infestou mal tão terrível,
Que desde o vulgo aos Soberanos passa,
Inda o mais sem sabor se achou plauzível,
E até a d'Assouci se achava graça:
Mas esta extravagancia aborrecível,
Da Corte, e dos discretos na desgraça,
Marot se imita sabio no picante
Distinga-se o burlesco do galante.

15.

Maç não sigais Brebeuf, cujas Poesias
Até na grã Pharsalia collocáraõ,
Com montanhas de mortes, e agonias,
Vozes que aos ignorantes admiráraõ:
Sublimes sem vaidade as harmonias
Sempre com arte as vozes moderáraõ;
Sêde ao Leitor plauzível, e estimavel,
Que nunca affectação foi agradavel.

16.

Os ouvidos severos na cadencia ,
 Com propriedade o numero partido ,
 Porque suspenda a metrica eloquencia
 No hemistiquio descancem os ouvidos :
 Naõ pervertais de huma vogal a essencia ,
 Quando outra encontra , e sejaõ escolhidos
 Os termos, que as idéas harmoniosas
 Se perdem entre as vozes escabrosas.

17.

Ao Parnaso nos seculos primeiros
 Só o Capricho em França as Leis fazia ,
 Davaõ os consoantes mais grosseiros
 Cesura , ornato , e numero á Poesia :
 Soube Villon de antigos Romanceiros
 Tirar da arte confuza a melodia ,
 Abrio Marot aos versos as estradas
 Nos Rondós, nos Triolets, e nas Balladas.

18.

Destes Ronsarde successor indino ,
Por querer emendar , confundio tudo ;
Porém o seu Francez Greco-Latino
Foi hum dia dos cultos pobre estudo :
Já perdeu a fortuna o seu destino
Cahindo o fausto pedantesco , e rudo ,
Desportes , e Bertaut escarmentados
Ficão a seu exemplo moderados :

19.

Malherbe em França emfim a dissonancia
Soube ajustar dos versos na cadencia ,
E ás vozes igualando a consonancia ,
Mostrou á Musa as regras da eloquencia :
Reparou o idioma co'a elegancia ,
E por elle adquirio clara excellencia ;
As estancias com graça lhe cahirão ,
E os versos sem dureza se exprimirão ,

20.

Seguí pois esta guia , este modélo ,
E imitai-lhe a purissima clareza ,
Sempre hei de lêr huns versos com desvelo
De perceber cultissima agudeza :
Deste inutil trabalho logò appello ,
E em tantos vãos discursos na estranheza
Nunca' sigo hum Autor , se ao estimallo
Sépre hei de andar buscando-o para acha-lo.

21.

De alguns genios os tristes pensamentos
Embaraçados sempre em nuvens densas,
Naõ pódem da razaõ nos luzimentos
Desbaratar as fúnebres offensas :
Cuidai , se de escrever tendes intentos ,
Dando á idéa as luzes mais intensas ,
Que o que puro , ou confuso se concebe ;
Mais claro , ou mais escuro se percebe.

22.

E sobre tudo não caiais no abismo
De adulterar do Idioma o ser sagrado,
Nunca admittais pomposo barbarismo
Inda na melodia disfarçado :
De que serve hum soberbo solecismo !
Que val hum termo proprio, e viciado ?
Emfim he o Poeta mais divino
Sem pureza da lingua Autor indino.

23.

Caidai com ordem, e escrevei sem pressa,
Não presumais de rapida loucura ;
Hum estilo, que corre, e nunca cessa,
Pouco do entendimento a força apura :
Mais do que huma torrente, que se apressa
A inundar a campanha aspera, e dura,
Estimo hum rio, que na branda arêa
Vagaroso entre as flores se passêa.

24.

Lento vos apressai , mas neste espaço
Naõ desmaicis por naõ achar conceito ,
Vinte vezes applique á obra o braço
A forja de que foi discreto effeito :
Puli-a sem cessar , sem embaraço ,
E tornai-a a pulir naõ satisfeito ,
Dai-lhe talvez augmentos primorosos ,
E riscai , que estes versos saõ gloriosos .

25.

Naõ se estima hum Poema , que reparte
Acertos com mil erros desluzidos ;
Haõ de ser sempre iguaes em toda a parte
Os extremos ao meio dirigidos ;
Firmaõ hum todo as obras de mais arte
De partes differentes aos ouvidos ;
E assim nunca o discurso perca o fio
Buscando longe hum culto desvario .

26.

Temeis aos vossos pública censura?
Sede a vós mesmo critico severo ;
A ignorancia admirada não murmura ,
Mas buscai confidente o mais sincero :
N'um amigo a verdade he mais segura ,
Dos vossos erros inimigo austero ,
Humilhando de Autor louca vaidade
Distinguindo a lisonja da verdade.

27.

Crede mais os conselhos, que os louvores,
Que algum mostra que aplaude, e satiriza ;
Vêde hum adulator, com que clamores
Em extasis os versos solemniza :
Tudo he divino, tudo são primores,
Nada o offende, tudo o suaviza,
Enternecido chora, alegre salta,
E com vãos elogios vos exalta.

28.

Oh que a verdade ignora fingimentos,
 E hum sabio amigo, duro, rigoroso
 Naõ dispensa os mais leves pensamentos,
 Com vossos erros nunca foi piedoso:
 Elle colloca os versos mais violentos
 Da emphasi ambiciosa cuidadoso,
 Na frase, na Grammatica repara,
 No equivoco duvida, o termo aclãra.

29.

Assim hum verdadeiro amigo falla,
 Mas intratavel vós em recompensa,
 Quereis dar tom á obra, apadrinha-la,
 Interessado na supposta offensa:
 Se huma baixa expressaõ vos assignala,
 Para que passe lhe pedis licença;
 Isto he frio (vos diz), oh ! que he notavel;
 Isto he máo . . . oh ! senhor que he admiravel:

B

Em se não desdizer vive empenhado,
O nescio Autor em contumacia fera,
E hum verso não consente ver riscado,
Como se nelle hum titulo perdera:
A quem encontra, afirma confiado,
Que sempre amou a critica severa,
Que tem nos versos mando soberano,
E lhe prende a attençaõ com este engano.

Depois de os recitar muito contente
Logo hum simples encontra a que os refira,
Que hum nescio Autor no seculo presente,
Sempre encontra outro nescio que o admira:
Na nobreza, e no vulgo juntamente
Tem parciaes a ignorancia, em que respira,
E sempre louva (a satyra he constante),
Ao ignorante algum mais ignorante.



CANTO SEGUNDO.

1.

Qual na festa aldeã, bella Pastora
De rubins se não touca rutilantes,
E o ornato fragrante colhe a Flora,
Sem que lhe mescle o ouro c'os diamantes:
Assim o humilde estilo que namora
Se ha de ver nos Idilios elegantes,
E sem hum verso amar vanglorioso
Ha de ser natural, e não pomposo.

2.

No estilo pastoril o bom Poeta
Desperte, e lisonjêe com doçura ;
Naõ com furia pomposa, e indiscreta
Siga do culto idioma a frase escura :
Tocar em huma Ecloga a trombeta,
Deixar com raiva a fruta doce, e pura,
Faz Pan fugir ás canas temeroso,
E as Ninfas bellas ao cristal undoso.

3.

Outro na tosca lingua dos pastores
Em contraria loucura a voz exprime,
E os seus versos grosseiros, e infriores
Perdem beijando a terra o ser sublime :
Ronsarde em instrumentos sem primores,
Com goticos Idilios nos opprime,
E a Licidas, a Philis com porfia
Mudando os nomes perde a melodia.

4.

Difficultoso entre estes dous extremos
He o caminho de hum perfeito Idilio :
Para o achar sigamos, e imitemos
O estilo de Theocrito, e Virgilio :
Seus versos amorosos conhecemos,
Que tem das graças o supremo auxilio:
Lede-os sem os deixar todas as horas,
E aprendereis das Lyras mais sonoras.

5.

Nelles se vê o humilde sem baixeza,
Flora, e Pomona, os Campos, e os Pomares,
Do combate da fruta a doce empreza,
Animar dous Pastores singulares:
Mudar Narciso, e Daphne a natureza,
Louvar de Amor os gostos, e os pezares,
E huma Ecloga faz com arte estranha,
Talvez digna de hum Consul a campanha.

6.

Deste Poema segue a força , e graça.
Alta , mas sem audacias , a Elegia ,
Enlutada lamenta huma desgraça
Solto o cabello sobre a urna fria ,
Quando huma Dama adula , ou ameaça ,
Pinta do amante a pena , e a alegria ;
Mas para ser feliz , clara , e discreta ,
Val mais ser amoroso , que Poeta .

7.

Aborreço os Autores , de que a Musa
De incendios me entretém fria , e violenta ,
A arte louca , e sabia pennas usa ,
E em gelo amante a Poesia ostenta :
O affecto doce , afeitação confusa ,
A carga das cadeas accrescenta ,
E adorando as prizoẽs faz insofridos ,
Triste a razão , queixosa os ouvidos .

8.

Naõ neste tom ridiculo dictava
Cupido os finos versos amorosos,
Que rendido Tibullo suspirava,
Que animou os accentos harmoniosos,
Com que o terno Ovidio ao peito dava
Da arte de amar preceitos deleitosos,
E porque huma Elegia se assignale
O coração se explique, a voz se cale.

9.

Com mais pompa, e naõ menos energia
Eleve a Ode ao Ceo seu vôo altivo,
Commercee c'os Deoses, e a harmonia
Facilite o combate successivo:
Dos Athletas refira com porfia
No fim do curso o vencedor altivo,
Cante, e naõ fique o triunfante ouzado
Com o pó da carreira deslustrado.

IO.

Leve Achilles feroz, sanguinolento,
As ribeiras do claro Simoonte,
O Escalda obrigue tumido, e violento,
Que de Luiz ao jugo dobre a fronte:
Tal como a Abelha em laborioso intento,
Roube as flores da margem de huma fonte,
E pinte a Ode em varias melodias
As danças, os festins, e as alegrias.

II.

Encarece o favor, que colhe o amante
Na bocca de coral de Iris formosa,
Que resistindo doce, e inconstante,
Porque roube, recusa caprichosa.
Talvez a Ode altiva, e resonante
Corre elevada, vóa impetuosa,
E das exactas Leis rompendo a ordem,
O bello effeito d'arte he a desordem.

12.

Fugi de mim medrosos trovadores,
 De espirito fleumatico impedidos,
 Que observais nos Poeticos furores
 De ordem cançada os termos mui medidos:
 De Heroes cantando os feitos superiores
 Frios historiadores desluzidos,
 De hum assunto não ouzaõ apartar-se,
 Nem de vista hũ momento haõ de deixar-se.

13.

Mais do que Meseray soube adquirir-se
 De exacto historiador o nome raro,
 Dolle ganhada, a Lille ha de seguir-se,
 E antes terá Courtrai roto o reparo:
 Conta-se que com elles divertir-se
 Quiz Phebo do seu fogo sempre avaro,
 E para os confundir o Deos discreto
 Inventa as Leis terriveis de hum Soneto.

14.

Dispôz q em dois quattetos bem medidos
Soassem oito vezes dois consoantes,
Logo seus versos deſtraicentê unidos
Componhaõ dois tereetos elegantês:
Sem licença poetica opprimidos
Com este metro afflige os ignorantes,
De hum verso máo deſterra a insufficiencia,
Por si regula o numero, a cadencia.

15.

Adornou-o com graça a mais suprema,
E huma voz não permittê repetida;
Val hum Soneto hum Epico Poema,
Se sem erro o formou vêa luzida:
Para o achar feliz, Fenis o tema,
De Autores mil a turba enfurecida;
Malleville, Gombaut, Mainard ao'ler-se
Dois; ou tres entrê mil podem soffrer-se.

16.

O resto, aonde a perfeição já falta,
 Deixado do Leitor menos grosseiro
 Qual Pelletier com grão volume salta
 De casa do impressor á do especieiro:
 A idéa que o Autor formou mais alta,
 Não exprime em taes termos prizioneiro;
 E encontraõ quantos rithmos claro ordena
 A medida, ou mui grande, ou mui pequena.

17.

Mais livre occupará menos espaço
 Ornando em duas rimas hum conceito,
 O Epigramma já livre do embaraço
 De ter com muito equivoco defeito:
 Ao Parnaso já preso em tanto laço
 Inundou dos equivocos o effeito,
 Italia os dêo, e o vulgo sem sócego
 Seguiu esta attracção ancioso, e cêgo.

18.

Levou ao Madrigal esta torrente ;
O Soneto orgulhoso foi ferido ,
A Elegia os buscou mui tristemente ,
Da Tragedia animáraõ o sentido :
Na scena ornáraõ o Heróe valente ,
O amante suspirou no seu sonido ,
E ouve Pastores renovando as chammas
Mais fieis aos Equivocos , que ás Damas.

19.

Cada voz com dois rostos mui diversos
Teve nos Pregadores santo azilo ;
Recebidos nas prozas , e nos versos
Do Advogado encrespáraõ baixo estilo :
Abre o discurso os olhos , e os perversos ,
Que ultraja-lo intentáraõ , e opprimi-lo ,
Do coturno infamados os despede ;
Só no Epigramma a entrada lhes concede .

20.

Porém seja de sorte que a energia
Deixe o vocablo, exprima o pensamento,
Assim brilhou a tempo a melodia,
E cessou da desordem baixo intento:
Mas ainda conserva a vã porfia
Nos pedantes da Corte, e humilde assento;
Inspidos Bufões, Tafues cançados,
No jogo do vocablo desgraçados.

21.

Naõ prohibe esta Lei, que a Musa fina
Passando de huma voz zombe com arte,
E do sentido estranho que examina,
Póde usar sem excesso nesta parte:
Porém naõ vá buscando a graça indina;
Que hum equivoco frivolo reparte,
Porque encontre affectada a louca fama
De, aguçar pela cauda hum Epigramma.

22.

Só conservando a propria formosura,
São claros os Poemas, e elegantes,
He a gloza singela, mas he pura,
Velha a Canção tem lustre nos consoantes:
O Amor, a suavidade, e a ternura,
Com vozes naturaes, mas relevantes,
Illustre producção de acorde Lira,
O 'Madrigal harmoniaço respira.

23.

O ardor de apparecer, não de que offenda,
Das satyras armou pura verdade,
Lucilio usou primeiro esta contenda,
Vicios de Roma em hum cristal persuade:
Da riqueza vaidosa a sôrte emenda,
E da humilde virtude a adversidade,
Honra o homem de bem, que a pé mendiga,
E o vil que anda em liteira, só castiga.

Mencion Horacio a este pouco amargo
 O estilo picante, e agradavel;
 Naõ achou tolo, e quem naõ desse hum cargo,
 Mas sem satyra justa, e toleravel:
 Aquelle nome que por breve, ou largo
 Naõ alterou o metro invariavel,
 Entra nos versos, mas que seja amigo,
 Objecto da censura, e do castigo.

Persio escuro nos versos, mas cerrado,
 Menos afecta as vozes, que o sentido;
 Entre os gritos da Classe foi criado
 Juvenal mais mordaz que commedido:
 Com asperas verdades venerado
 Deixa o sublime estilo mais luzido,
 Com excessivo hyperbole apparece,
 Chéo de ardor aos olhos resplandeca.

Sobre hum papel , que chegã de Cãprea ,
 Rompe a adorada estatua de Sejano ;
 Aos Senadores com lisonja fêa
 Faz correr ao conselho de hum tyranno :
 Da luxuria Lafina a culpa afêa
 Vendendo Messalina ao vil Romano ,
 Que do seu nobre sangue o mais contrario
 Cargas leva a seus hombros por salario .

Foi só Regnier discipulo engenhoso
 No modello de Mestres taõ scientes ,
 Só entre nós o estilo mais gracioso
 Conserva entre os antigos accidentes :
 Mostra ao casto Leitor naõ cauteloso ,
 Que frequentou lugares indecentes ,
 Cynicos metros torpes , e atrevidos
 Offendem a modestia dos ouvidos .

28.

No Latim se permite a voz impura,
 Mas no vulgar não fica desculpada ;
 Só da expressãõ mais casta a imagem pura
 A liberdade vil deixa ultrajada.
 Na satyra do espirito a doçura
 Candida se acredita , e ajustada ,
 E fujo do satyrico á baixeza ,
 Que prega , sendo impuro , da pureza ,

29.

Desta satyra fertil , e discreta
 A popular canção Francez maligno
 Forma em voz agradável , e indiscreta , (gno.
 Que augmenta a cada passo hũ termo indi-
 De França a liberdade mais inquieta
 Neste jogo pueril corre sem tino ;
 Mas não façais malevolo plauzivel
 Assunto a Deos , de zombaria horrivel.

C

30.

Jogos em fim que o Atheismo cria ,
Que ao alegre , que os canta tristemente ,
Ao público castigo a razão guia ,
E padece na praça este insolente :
Querem os tonos , arte , e melodia ,
Não que o vinho , ou o vaso os represente ,
Inspirando talvez grosseiro plectro
Dispensa Autor sem genio humilde metro.

31.

Mas guardai-vos q̄ os versos com vã gloria
Vos não dêm loucos fumos , ignorante ,
Em compondo huma copla com victoria ,
Se imagina Poeta ao mesmo instante :
Cada manhã seis metros na memoria ,
Não dormirá sem que hum soneto cante ,
E imprimindo as loucuras que desata ,
Laureado no Livro se retrata.



CANTO TERCEIRO.

I.

Naõ ha monstro odioso, nem serpente,
Que naõ possa agradar bem imitado;
Com pincel delicado docemente
O objecto mais horrivel faz-se amado:
Tal a Tragedia em prantos excellente
Da voz da dôr de Edipo ensanguentado
Mostra as penas de Orestes parricida,
Deixando o pranto, a magoa divertida.

2.

Vós, a q̃ hum nobre ardor accende o peito
Ao premio do Theatro sempre opposto,
E dos pomposos versos satisfeito
Quereis que a Corte vos consagre o gosto:
Pondo na Scena as obras sem defeito
Vendo-se os seus primores sem desgosto,
E ouvintes numerosos sempre ufanos
Inda as peçaõ no fim de vinte annos.

3.

Do discurso a paixão seja animada,
Ao coração, que busca, mova, inflamme,
Que hum nobre affecto, se hum furor agrada,
Faz que hum doce terror sem medo se ame:
Se não se excita huma piedade amada,
Por mais que a Scena sabia a todos ame,
Preguiçoso de applausos o concurso
Tibio foge do frio de hum discurso.

4.

Em vão buscais esforços da eloquencia,
Que o ouvinte cansado justamente,
Ou da critica segue a inclemencia,
Ou logo se adormece indifferente :
Agradar , e ferir he occulta sciencia ,
Engenho que me prenda, o engenho invente,
E dos priméiros versos preparada
Do assunto a acção desembarace a entrada.

5.

Rio-me de hum Autor que exprime attento
O que quer , e não sabe o que me diga ,
E descobrindo mal lance violento
Faz de hum divertimento huma fadiga :
Decline elle o seu nome , eu me contento,
Dizendo , eu sou Orestes , que me obriga,
Ou sou Agamemnon , tem-me aturdido
Maravilhas confusas sem sentido.

6.

Em explicar assunto nunca se erra.
À Scena se assinale hum lugar certo,
No Theatro em hum dia annos encerra
O Poeta Hespanhol muito inexperto:
A propriedade sem temor desterra,
E em pintar seu Heróe andando iocerto,
Já nos actos confuso o tem mostrado,
Huma jornada, infante, outra barbado.

7.

Mas nós, porque a razão sempre domine,
Só queremos guiar a acção co'a arte,
E que, enchendo o Theatro, se termine
Huma acção em hum dia, e huma parte:
Não queírais que o incrível se examine,
Prodigio absurdo longe se-me aparte,
Se o certo verosimil não parece,
Ao que não cré, o animo aborrece.

8.

A arte judiciosa aos olhos tira
Objecto que aos ouvidos offerece ;
O que não se ha de vêr , que se refira ,
E o que se vê , melhor se reconhece :
O enredo a cada Scena mais se admira ;
Em quanto se não solta , sempre crece ,
E em lances apertados a hum secreto
Descubra , e mostre inesperado objecto.

9.

Foi da Tragedia informe o nascimento,
Donde qualquer dançando sem primores,
A huma fertil vindima sempre attento
Com hum só côro a Bacco dêo louvores :
O vinho alegre imita ao sonorento ,
E foi hum bode o premio dos cantores ,
Thespis guiou primeiro muitas vezes
Esta feliz loucura tinto em fezes.

IO.

Desde hum lugar a outro conduzia
Em hum carro os Actores mal ornados,
E este novô espectaculo trazia
Aos simples passageiros enganados:
Eschylo pôz de hum côro na harmonia
Aos seus representantes melhorados,
Os borzeguins; e as mascaras retoca,
E em hum tablado público os colloca.

II.

Sophocles remontando o genio illustre
Accresce a pompa, augmenta a consonancia,
Faz que o côro na acção não se deslustre,
Pulão dos versos tosca dissonancia:
Deo-lhe entre os Gregos o divino lustre,
Que sublimou ao cume da elegancia,
A que nunca atégora tem subido
Dos Latinos o alento enfraquecido.

12.

Para nossos devotos ascendentes,
Era o Theatro em França gosto occulto,
Tropa de Peregrinos não decentes
Teve em Pariz no público este indulto:
No seu zelo ignorantes, e imprudentes,
A Deos, e aos Santos profanando o culto
Tirou-se a devoção desta imprudencia
Dissipada a Ignorancia pela sciencia.

13.

Taes sermões sem missão se desterráraõ,
E Hector, Ilion, e Andromaca se viraõ,
Renascendo as Tragedias restauráraõ,
Da mascara os Actores se despiraõ:
Os violões ao côro suavizáraõ,
Do amor ternos affectos repetiraõ
Theatros, e Novellas, que he pintura
Para chegar ao peito mais segura.

14.

Pintar podeis Heróes muito amorosos ,
Sem os formar Pastores derretidos ,
Como Philena , e Thirsis extremosos
Naõ amaõ os Achilles taõ rendidos :
Naõ exprimem caracteres famosos ,
Cyros em Artamenes convertidos ,
O remorso ao amor faz que se mude ,
Parecendo fraqueza , e naõ virtude.

15.

Dos Heróes das Novellas ás baixezas
Fugí dando aos Heróes alguma falta ;
Sem promptidaõ , fervores , e ferezas ,
O modello de Achilles naõ se exalta :
Em huma afronta as lagrimas accezas
He pranto , em que seu animo se esmalta ,
Se a arte as leves faltas pinta , e tece ,
O engenho a natureza reconhece.

16.

Sempre soberbo , interessado , e fero
Agamemnon em o Theatro seja ,
Tenha Eneas aos Deoses zelo austero ,
Que de character se conserve , e veja :
Hum seja sempre pio , outro severo ,
Saiba os costumes , quem saber deseja ;
Seculos , climas , e Paizes varios
Fazem ser os humores mais contrarios.

17.

Naõ deis , como Cleria já tem dado ,
Costumes , e ar Francez á Italia antiga ,
E com nomes Romanos disfarçado
Faz o nosso retrato com fadiga :
Cataõ galante , e Bruto afeminado
Em frivola Novella só se diga ,
A ficção de passagem se limite ,
Demaziado rigor naõ se permite.

18.

Guarde a Scena exacção, decencia, e ordẽ,
 E se inventais, talvez, nova figura,
 Comsigo os seus affectos não discordem,
 E até o fim sem ter mudança dura:
 Presumido escritor dá com desordem
 Aos Heróes em si mesmo vã pintura;
 Em hum Autor Gascaõ, Gascões se igualaõ,
 E Juba, e Calprenedo em hum tom fallaõ.

19.

Mais varia, e sabia em nós a natureza
 Deo a cada paixãõ voz differente;
 A cólera se explica com fereza,
 O abatimento falla humildemente:
 A Troia em chammas d'Hécuba a tristeza
 Não venha affectar prantos imprudente,
 Nem descrever em que Paiz ferino
 Sete bocças do Tanais tem o Euxino.

20.

Saõ de hum declamador que as vozes ama,
 De froxas expressões a unida pompa ;
 Abatei-vos na dôr que vos inflamma ,
 Rompei em pranto, porq̃ em pranto eu rôpa :
 Os grandes termos que hum Actor exclama,
 Por mais que á bocca chêa elle os prorompa,
 Naõ nascem, naõ, de hum coração ferido,
 Da miseria tocado , e combatido.

21.

He o Theatro fertil em Censores ,
 E para produzir he campo estreito ,
 Com trabalho conquistaõ os Autores :
 Silva-se logo ao minimo defeito :
 Trataõ-no de ignorante os infriores ,
 Que lhe compraõ na entrada este direito ,
 E se quiz agradar cem formas teve ,
 Precizo he que se abata , e que se eleve.

22.

Se em nobre sentimento não se humilha,
Se desperta nos tiros admiravel,
Corre de maravilha em maravilha,
Claro, profundo, sólido, agradavel:
O que diz, na memoria logo brilha,
Deixando huma lembrança perduravel;
Desta sorte a Tragedia se publica,
Assim obra, assim corre, assim se explica.

23.

Mais elevada a Epica Poesia
Na vasta narraçãõ de acçãõ diffusa,
Vive em ficções, de Fabulas se fia
Arte feliz que nos encantos usa;
Alma, espirito, corpo, e rosto cria
Deidades das verdades faz a Musa,
He Venus a Belleza sempre grata,
Em Minerva a prudencia se retrata.

24.

Aos trovões não produzem os vapores,
He Jupiter armado contra o Mundo ,
Aos marinheiros naufragos terrores ,
He Neptuno nas ondas furibundo ;
Na ar não sôa o Ecco, são clamores
De huma Ninfa, que chora em mal profundo
Queixosa de Narciso , a que interpreta
Com mil ficções , e inventos o Poeta.

25.

Tudo orna, illustra, eleva, e engrandece,
E sempre as flores acha preparadas ,
Que as Náos de Eneas, quando o vento crece,
Sejaõ nas praias d'Africa lançadas ;
He hum successo em que a Fortuna tece
As suas inconstancias costumadas ,
Ordinario, e commum entre seus giros ,
E huns golpes, pouco estranhos aos seus tiros.

26.

Porém que Juno em seu rigor constante
Persiga os restos de Ilio destroçados,
Que Eolo em seu favor abra, e quebrante
Prizões de Eolia aos ventos rebellados;
E lançando de Italia ao povo errante,
Só Neptuno nos mares alterados
Colerico se eleva sobre os mares,
Impondo calma ás ondas, paz aos mares.

27.

.Os baixéis fluctuantes assegura,
E os arranca das Syrtes perigosas;
Assim a Musa admira, attrahe, apura,
Occupa, e fere em vozes numerosas:
Sem este ornato humilha, e desfigura,
Extingue, e perde forças vigorosas,
O Poeta orador que se intimida
Frio escritor de fabula abatida.

28.

Que enganados estáo nossos Poetas
 Tirando estes adornos recebidos !
 Fazem a Deos, aos Santos, e aos Profetas,
 Como os Deoses da fabula nascidos :
 Autor, tu, que ignorante os interpretas
 Com Belzebú, com Lucifer unidos,
 E Astarot o seu genio em triste laço
 Lança o Leitor no inferno a cada passo.

29.

Da Fé Christã os fundamentos serios,
 Não recebem as flores da eloquencia,
 O Evangelho só mostra em seus Mystérios
 A pena merecida, a penitencia ;
 Dás nas ficções com torpes vituperios
 Às verdades de fabula a apparencia,
 Nem pio has de ficar, nem agradavel
 Com esta 'miscellanea tão culpavel.

D

30.

Que objecto! como ver hir (grãde excessõ!)
 Sempre o Demonio contra os Ceos bramindo,
 Do Heróe opposto ao celebre processo
 As victorias com Deos estar medindo;
 Dirãõ que o fez bem Tasso; o seu progresso
 Eu não estou agora discutindo,
 Publica-lhe este seculo alta gloria,
 Porque a Italia illustra sua memoria.

31.

Mas isto não seria, se empenhado,
 E posto em oração o Heróe prudente,
 Em deixar Satanaz arrezoadõ
 Consumisse o seu tempo tristemente:
 E o seu assunto não tivera agrãdo,
 Se o não fizera alegre, e excellente
 Tancredo de Clorinda fino amante,
 E o valente Reinaldo, e o fero Argante,

32.

Não louvo em pio assunto as vãs figuras
 De hum Autor louco idolatra gentio ;
 Em profana alegria das pinturas
 As fabulas fugir he desvario :
 Não tirem os Tritões das aguas puras ,
 A flauta a Pan , á Parca o ferro impio ,
 Nem de Acheronte empeça a fatal barca ,
 Onde passa o Pastor com o Monarca .

33.

Deste escrupulo vão , louca imprudencia ,
 Nunca o agrado sem agrado alcança ;
 Não quereraõ pintar logo a Prudencia ,
 Nem dar a Themis venda, nem balança :
 Da testa de metal forte apparencia
 Haõ de tirar á Guerra , e na mudança ,
 Queo Tempo faz, quando aos mortaes avisa,
 O Relogio na mão , que o simboliza .

D 2

34.

Se o falso zelo como idolatria
A Allegoria desterrar intenta,
Louvem embora a ignorancia pia,
Porque o seu vaõ terror mais nos alenta :
Dos ridiculos sonhos a porfia
Ao verdadeiro Deos, Deos falso inventa,
Em fabulas nos daõ nomes diversos
Felizes, e nascidos para os versos.

35.

Agamemnon, Ulisses, Heitor forte,
Helena, Meneláo, Paris, Eneas,
Idomenêo, e Orestes desta sorte
Enchem de mil agradados as idéas :
E sem que o nome humilde te reporte,
Ó Poeta ignorante, tu te afeas,
Todo hum Poema barbaro deixando,
Quando por Heróe buscas Childebrando.

36.

Se quereis divertir sempre ditoso,
 Escolhei hum Heróe, que me interesse,
 Raro em virtudes, em valor famoso,
 Que até nos seus defeitos se engrandece:
 Nas insignes acções digno, e glorioso,
 Qual Cesar, Alexandre, ou Luiz parece;
 Naõ como o Irmaõ traidor a Polynice,
 Porque hum Heróe vulgar nunca he felice.

37.

Hum assunto mui chèo de incidentes
 Nunca escolhais, que-se o tratais com arte,
 Achilles com impulsos mais ardentes
 Materia a toda a Illiada reparte:
 Da abundancia empobrecem as torrentes,
 Rica, e pomposa a descripção se aparte,
 A que o metro a elegancia ostenta activa,
 E seja a narraçãõ cerrada, e viva.

38.

Não pondereis humilde circumstancia,
 Como esse louco em termos tão vulgares
 Pintou o Hebrêo já livre da arrogancia
 Dos Tyrannos, vagando sobre os mares:
 Das mal abertas ondas na inconstancias
 Pôz á janella os peixes a milhares,
 Por ver passar o infante, que os admira,
 Que a hum tempo corre, salta, e se retira.

39.

Alegre logo á Mãe dêo hum seixinho,
 E a vista prende nestes vãos objectos;
 Tenha a obra medido o seu caminho,
 Não sejaõ affectados os affectos:
 Hides sobre o Pegáso aos Ceos visinho
 Gritar contra o Leitor (fortes projectes !)
 Com a voz de trovaõ canto os louvores
 De quem venceo do Mundo os vencedores?

40.

Mas depois que os clamores desentranha ,
 Que produz este Autor tanto aparato ?
 He o famoso parto da montanha ,
 Que depois de temer-se , sahe hum rato :
 Sem fazer-nos promessa taõ estranha ,
 Amo daquelle Autor o nobre ornato ,
 Que de hum tom facil , doce , e sonoro
 Assim se exalta claro , harmonioso .

41.

As armas, diz, e o Varaõ pio eu cantõ,
 Que sendo para Ausonia conduzido
 Das praias Phrygias, a que banha o Xanto ,
 O primeiro a Lavinia foi trazido :
 Para dar muito , naõ promette tanto
 O ardor da sua Musa remettido ,
 Logo aos Latinos prodigo , e divino
 Oraculos decreta o sey destino .

42.

Da Estigia as aguas fetidas, e impuras,
De Acheronte as torrentes dissonantes,
E em clara variedade das pinturas
Nos Elisios os Cesares errantes;
Alegrem ao Poema estas figuras
Para os olhos imagens relevantes,
A pompa com o agrado não se opprime,
E não he ser pezado o ser sublime.

43.

Mais as comicas fabulas de Ariosto
Amo, que as Musas funcbres, e frias,
Que crem que ao triste humor deraõ desgosto
Se as Graças lhe inspirassem alegrias:
Que o Cingulo de Venus tinha posto,
Julga quem vê d'Homero as melodias,
E que da natureza encaminhado,
Só para deleitar o tem roubado.

O seu Livro he de agrados hum thesouro,
E a quanto trata nova graça anima ,
Tudo o que toca , se converte em ouro ,
Sempre diverte sem que nunca opprima :
Em largos episodios com desdouro
Nunca se perde ; ardor feliz sublima
Os seus discursos ; donde em sons diversos
Foge a ordem methodica dos versos.

A si mesmo se explica , a si se ordena,
O seu assunto , e facil se prepara ;
Sem prevenções inuteis corre a pena ,
Hum verso, hum termo para o fim se aclara :
Quem com amor sincero o não condemna ,
Acha no agrado utilidade rara ;
Hum Poema excellente, e bem seguido
Nunca foi do capricho produzido.

46.

Quer attençaõ, quer tempo, e quer cuidado
Esta idéa difficil, e penosa,
Naõ he de hum aprendiz este traslado
E a hum Poeta sem arte infructuosa :
Algun houve entre nós que confiado
Na chamma, que talvez subio furiosa,
Porque a chimera em vaõ orgulho alente,
Toma a trombeta heroica ousadamente.

47.

Mal regulada a Musa, vago o metro,
Em descompostos saltos só se eleva,
Sem liçaõ, nem juizo rudo o pletro
Falta ao fogo a materia em que se ceva :
Nega-lhe o Mundo da Poesia o Sceptro,
Quer que o merito falso naõ se atreva,
Mas contra o duro genio naõ bastaraõ,
Que rouba o culto, que outros lhe negaraõ.

48.

De Virgilio os inventos atropella,
Na fieção nobre não entende Homero,
Se contra este decreto se rebella
Ao seculo condemna iniquo, e fero:
Para a posteridade logo appella,
E estáo porque o juizo mais sincero
Á luz dê, os seus livros estimados
N'hum armazem sem luz amontoados.

49.

A traça, o pó combatem tristemente,
Mas em repouso no seu tosco abrigo,
Eu os deixo esgrimir mui livremente,
Ao meu assunto sem perder-me sigo:
Do tragico espectáculo excellente
Nasceo de Athenas no Theatro antigo
O primeiro modello da comedia
Entre o feliz successo da Tragedia.

50.

O Grego zombador por natureza
Foi com plauziveis jogos destillando
Dos malevolos golpes a fereza,
Com insolente accesso envenenando:
Sciencia, entendimento, honra despreza,
E na indigna alegria interessando
A mofa de infeliz merecimento
De hum Poeta se vio público augmento.

51.

Em hum côro das nuvens maltratado
Os clamores tirou do vil concurso;
Mas vem Socrates, sabio Magistrado
Parar em fim da liberdade o curso:
Dos edictos das Leis auxiliado
Fez sabio dos Poetas o discurso,
Os rostos prohibio se assignalarem,
E os nomes ordenou, que se calassem.

52.

O Theatro perdeo a antiga furia ,
Sem veneno , e sem fel instrue, emenda ,
Deixa alegre a Comedia a amarga injuria,
Sem que Menandro no seu metro offenda :
Ri o avaro o primeiro da penuria ,
Sem que á sua cópia em hum avaro attenda ,
Finalmente pintado hum insensato
Desconhece elle mesmo o seu retrato.

53.

A quem pintou com arte o novo espelho ,
Vio-se a si mesmo , e crêo que se não via,
Autores , que estudeis vos aconselho
Da natureza a comica Poesia :
Quem com profundo espirito , e conselho
Fizer dos corações anatomia ,
E conhecer o homem até onde
Seus occultos mysterios nos esconde :

54.

Quem conhecer o prodigo, o avaro,
O tolo, o bom, o vario, o vicioso,
Lhe dê vida, alma, e voz, e sem reparo
Na scena o póde pôr com fim ditoso:
Seja o retrato natural, e claro,
Com as côres mais vivas, mais lustroso,
A natureza estranhas cópias fórma,
E com varios signaes d'alma as infórma.

55.

Hum nada a mostra, vê-se nos semblantes,
Mas nem todos os olhos o conhecem,
E do tempo as mudanças inconstantes
Mesmo em nossos humores apparecem:
Nas paixões, nos costumes fluctuantes
De cada idade os gostos prevalecem,
Hum moço ardente em livres exercicios
Pronto recebe as impressões dos vicios.

56.

Vaõ nos discursos , nos desejos leve ;
Louco nos gostos , rigido á censura ,
Hum ar mais sabio inspira , a quem só deve
A idade varonil o ser madura :
A adiantar-se na Corte ella se atreve ,
Junto aos Grandes politica se apura ,
Sabe a Fortuna resistir prudente ,
Vê ao longe o futuro no presente.

57.

Triste a velhice ajunta com cuidado
Tantos thesouros , que par'outro guarda ;
Chora o presente , e louva o já passado ,
Anda nos seus designios fria , e tarda :
Condemna inhabil delicioso agrado
Aos moços , porque a idade se acovarda ;
Que os Actores vejais , vos aconselho ,
Naõ fale o velho em moço , e o moço em velho .

58.

Vêde a Cidade , e estudaí na Corte ,
Porque huma, e outra he fertil em modellos,
Estudou seus escritos desta sôrte
Moliere em seus cómicos desvellos :
Mais que em doutas pinturas sabio exhorto,
O premio naõ terá sem parallelos ,
Porque amigo do Povo nas pinturas
Dêo ridiculas fórmãs ás figuras.

59.

Deixou por ser bufão o agrado fino ,
Tabarino a Terencio unio sem pejo ,
No ridiculo sacco de Scapino
O Autor do Misanthropo já naõ vejo :
Ais , e prantos no cómico abomino ,
Nelle as tragicas penas naõ desejo ,
Porém em dar na praça naõ se funda
Riso ao Povo com baixa fraze immunda.

60.

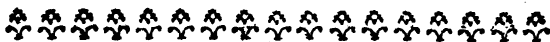
Os Actores divirtaõ nobremente ,
 O enredo se desate sem porfia ,
 Guie a razãõ a acçaõ porque se alente ,
 E a naõ faça perder scena vazia :
 O estilo humilde , e doce no eminente
 Eleye dos conceitos a harmonia ,
 E com finas paixões bem exprimidas ,
 As scenas entre si sejaõ unidas.

61.

Naõ gracejeis á custa da prudencia ,
 Da natureza naõ deixeis o objecto ,
 De hum filho amante estranha a imprudencia
 Hum Pai , a que Terencio faz múi recto :
 O amante ouve as lições com impaciencia ,
 Busca a Dama , e lembra só o affecto ,
 Naõ he retrato imagem similhante ,
 He verdadeiro Pai , Filho , e Amante.

E

No Theatro hum Autor sempre agradavel
Sem se infamar aos olhos do auditorio,
Sem se oppôr á razão, faz-se estimavel,
Foge ao grosseiro equivoco notorio:
Mas se diverte immundo, intoleravel,
Em hum trabalho vil seja accessorio,
Dos lacaios em mascarás unidos
Com frias ignorancias divertidos.



CANTO QUARTO.

I.

Viveo (se conta) hũ Medico em Florença
Graõ falador, e célebre assassino ,
Nelle a miseria pública he immensa ,
Pede-lhe o morto Pai o Orfaõ menino :
Chora hum Irmaõ a outro , e que a doença
Lamenta mais o tossigo malino ,
A quem catarrho têm , pleuriz inspira ,
Sem sangue hũ morre, outro com se ne expira.

E 2

2.

Toda a enxaqueca frenezim fazia ,
A Corte deixa em fim abominado ,
Dos seus amigos mortos hum vivia
Abbade rico ás obras inclinado :
Levou-o á grande casa , em que assistia ,
De Architectura sempre infatuado ,
E o Medico falando no edificio
Parece Professor deste exercicio.

3.

De hum salaõ que levanta emenda a forma,
Signala outro lugar á escura entrada ,
A escada approva , os lanços lhe refórma,
E acha o amigo a obra bem traçada :
Chama o Mestre, que chega, e que se infórma,
Approva a nova planta delineada ;
Della aprende a igualar os seus extremos,
Mas taõ plauzivel caso abbreviemos.

4.

Logo renunciou a arte inhumana
Este assassino , e já com outro objecto ,
De Galeno a Sciencia não o engana ,
Fica o Medico máo , bom Architecto :
Desde então que feliz se desengana ,
Da esquadria une á regra o termo recto ,
Neste exemplo nos dá muito evidente
Hum preceito mui util , e excellente.

5.

Se o vosso genio fôr , sêde pedreiro ,
Bom official de huma arte proveitosa ;
Ha varios grãos nas artes , e o primeiro
Se perde sem infamia injuriosa.
Mas na terrivel arte , eu vos requeiro ,
Ó vulgar escriptor de verso , ou prosa ,
Que a deixeis ; pois não ha na consonancia
Do mediocre ao infimo distancia.

...
...
...
...
... sempre ufano,
...
... casadia,
...
...

... grosseiros,
...
... primeiros,
... vos escutaõ:
... grosseiros,
...
... impressos
...
...

8.

Gombaut que foi nos versos taõ louvado
Em çasa do livreiro se conserva,
Consultai, e ouvi todos com cuidado,
Talvez hum ignorante hum erro observa:
Mas se Apollo algum dia tem mostrado,
Que altas inspirações vos naõ reserva,
Naõ corrais com intentos taõ perversos
A recitar a todos vossos versos.

9.

Naõ imiteis a furia d'hum Poeta,
Que harmonioso Leitor de vãos escritos,
A quantos passaõ, logo lhe interpreta,
A turba de seus versos infinitos:
A Musa aos que lhe fallaõ indiscreta
As obras lê, e quando alguns affitos
Buscaõ hum Templo de Anjos respeitado,
Naõ lhe serve de azilo este sagrado.

IO.

Já vo-lo repeti; sêde á censura,
E á razãõ docil; emendai sem pena,
Mas naõ cedais a hum tãlo, que procura
Confundir-vos, e tudo vos condemna:
De hum sutil ignorante a altivez dura
Hum Poema combate; e desordena
Com injustos desgostos, com que opprime
Dos versos a ousadã mais sublime.

II.

Refutai dos discursos a vaidade,
Que elle se agrada do seu vãõ juizo,
E da fraca razãõ sem claridade
Lince se julga, e cãga de improviso:
Temei de seu conselho a falsidade,
Que se o seguis, he certo o prejuizo,
Que talvez por fugir de algum rochedo,
Se converte em naufragio o que era medo.

12.

Buscai útil censor , e bem fundado ,
 Que a razaõ guie , e que a sciencia aclare ,
 E com lapis seguro , e apurado
 O lugar que occultais , ache , e repare :
 Do escrupuloso engenho acovardado
 As ridiculas duvidas declare ,
 E o divino furor que se dilata ,
 E o vigoroso espirito arreбата .

13.

Mostrará , se o engenho da carreira
 Se aparta , e rompe as leis mais rigorosas ,
 E donde a arte da prizaõ grosseira ,
 Passa os confins com forças vigorosas :
 Mas hum censor com luz taõ verdadeira
 He raro , e com Poesias mui famosas
 Algum se distinguio , e com engano
 Naõ distinguio Virgilio de Lucano .

14.

Se as minhas instrucções ouvís attentos ,
Vereis as ficções ricas estimadas ,
Fertil a Musa em sabios documentos ,
Faz as verdades sólidas amadas :
Plauziveis , e uteis os divertimentos
São dos sabios. Leitores desprezadas ,
As vãs futilidades que enganando
Não sabem divertir aproveitando.

15.

Quem nos costumes , e nas obras pinta
Alma, que em nobre imagem sempre inflame,
Foge do Autor , que com danosa tinta ,
He á honra traidor em metro infame :
Quando a virtude no papel despinta ,
Faz cruel que o Leitor os vicios ame ;
Não sou porém dos tristes genios duros ,
Que amor querem tirar dos versos puros.

16.

Do seu mais rico adorno brinca a scena,
Quem taõ austero esta paixãõ limita,
Faz veneno a Rodrigo, e a Ximena,
E a mais fina paixãõ desacredita:
Se impuro amor descreve pura a pena,
Nunca lascivo affecto em nós excita,
O agrado Dido ostenta, e chora tanto,
Que eu culpo a falta, e me magõa o pranto.

17.

Nunca hum Autor com innocentes versos,
Se os sentidos deleita, o peito offende,
Nem o fogo em ardores taõ perversos,
No coraçãõ com chamma indigna prende:
Tende á virtude affectos naõ diversos,
Porq̃ quando a vossa alma a naõ comprende
Em vaõ sobem do espirito as grandezas,
Que o coraçãõ ao metro dêo baixezas.

18.

Fugí, fugí de emulações indignas,
Que nada offende ao escriptor sublime,
De genios vís loucuras taõ ferinas,
Vicio he vulgar que a mediania opprime:
Competidora triste ás luzes dignas
Com que o merecimento se redime,
E para levantar-se, e humilhá-lo
Quer em casa dos grandes malquistá-lo.

19.

Nunca queirais buscar com baixos meios
A honra por caminhos vergonhosos,
E naõ sejaõ dos versos os enleios
Eterno emprego aos animos famosos:
Cultivai os amigos sem receios;
Tende fé, porque aos homens generosos
He pouco sem nos livros ter agrados
Se naõ sabem viver, nem ser tratados.

20.

Mais que o vil interesse seja a glória
Objecto digno de hum trabalho illustre,
Póde fazer sem mancha da memoria,
Que o tributo legitimo o não frustre :
Mas não soffro os Autores , que em notoria
Fome avara não vem da gloria o lustre ;
Ao ganho de hum livreiro Apollo trazem,
E mercantil á divina arte fazem.

21.

Antes do que a razão rompesse em vozes,
Que instruindo aos humanos Leis mostráraõ,
Espalhados, grosseiros, e velozes
Os homens pelos bosques já pastáraõ ;
As mortes, e os delictos mais atrozes
Sem o temor das Leis se executáraõ,
Seguindo a natural ferocidade,
Era a força direito em equidade.

22.

Mas do discurso a provida harmonia
Pôde domesticar costumes duros ,
Tirou do campo os homens com porfia ,
E nas Cidades os cerrou com muros :
Do supplicio a Insolencia já tremia ;
Daõ á fraca innocencia as Leis seguros ;
Desta ordem effeitos taõ diversos
Os frutos foraõ dos primeiros versos.

23.

Daqui nasceo a fama recebida, (cia
Que a voz de Orpheo enchêo montes de Thra-
Ficava a fome aos tigres abatida ,
Despojando-se assim da féra audacia :
Que qualquer pedra de Amphion ferida
Seguia aos seus accentos a efficacia ,
Muros formando a Thebas, porque obrasse
Milagres a harmonia apenas nasce.

24.

Depois o Ceo em versos se explicava
Nos Oraculos, donde commovido
D'horror divino o Sacerdote dava
Furor de Apollo em versos exprimido :
Logo antigos Heróes ressuscitava
Homero em acções grandes influido,
O animo incita Hesiodo, procura
Dos preguiçosos campos a cultura.

25.

Em mil escritos grandes, e famosos
A sciencia se vio delineada,
E foi só pelos metros sonoros
Aos rusticos mortaes communicada :
Do animo seus preceitos victoriosos,
Tem pelo ouvido aos corações entrada ;
Venerada por tantos beneficios
Fez Grecia ás Musas justos sacrificios.

26.

Teve a Poesia dos mórtaes o culto ,
Que á sua gloria erigem muitas aras ,
Mas a penuria em fim trouxe o insulto
Com que o Parnaso esquece as glorias claras ;
Vil interesse infecta em damno occulto
Com mentiras grosseiras obras raras ,
E de frivolos versos no concurso ,
Vende os termos , contrata co'o discurso.

27.

Naõ vos deslustre hũ vicio, que vos céga,
Se com violencia vos attrahe o ouro ,
Fugî dos campos que o Permesso rega ,
Naõ lhe achareis nas margens hum thesouro:
Aos mais sabios Autores Phebo entrega ,
E aos maiores guerreiros nome, e louro ,
Mas da faminta Musa eu bem presumo ,
Que subsistir naõ pôde só com fumo.

28.

Hum Autor , que apertado pela fome
 Lhe gritaõ as entranhas palpitantes ,
 Pela noite em jejum sem gosto come
 De Heliconia os passeios elegantes :
 A sede alegre Horacio já consome ,
 Quando se lhe descobrem as Bacchantes,
 Naõ como Colletet teme indiscreto
 Para jantar o effeito de hum Soneto.

29.

Entre nós se naõ teme esta desgraça ,
 Que hoje ao Parnaso raramente afflige ,
 E que perigo ás Artes ameaça
 Tendo hum Astro benigno que as erige :
 Cede ao merecimento a sorte escaça ,
 E hum Principe , que provido as dirige
 (Musas) dêo aos alumnos tanta gloria ;
 Vence a vossa doutrina esta memoria.

F

30.

(sado,

Corneille o louve, inflamme o plectro ou-
Do Cid, e Horacio inda o Corneille seja
Racine, que milagres tem formado,
Dos seus Heróes retrato nelle veja:
Pelas vozes das Damas bem cantado
O seu nome diverte, e se deseja
Por Benserad, encommendado á Lira;
Em Eclogas Segrais o campo admira.

31.

Nelle apura agudezas o Epigramma,
Mas como em outra Eneida Autor ditoso
Guiará este Alcides que o inflamma,
Té ás margens do Rheno temeroso:
Que sabio plectro ao ecco desta fama
Rochedos, bosques moverá glorioso,
E Hollanda contará que ao soçobrar-se
Para não naufragar, quiz affogar-se.

32.

Os batalhões , dirá , que submergidos
Em Matrik aos assaltos horrorosos
Com os raios do Sol foraõ luzidos ,
Mas nova gloria ha já , vates famosos :
Nos Alpes com progressos nunca ouvidos
Salins , e Dolle cedem receosos ,
Besançon inda em fumo supultada
Se devisa na rocha fulminada.

33.

Para se oppôr á rapida torrente
Do pronto vencedor , as inimigas
Forças aonde estaõ tudo se ausente ,
Com os grandes guerreiros fataes ligas :
Querem deter fugindo o peito ardente ,
E he vergonhoso premio das fadigas ,
A fera presumpção , com que cuidaraõ ,
Que o perigo , a que fogem , evitaõ.

34.

Ó quantos baluartes se abateraõ,
Quantas fortes Cidades se ganharaõ,
Quantos frutos de gloria se colheraõ,
E todos prontamente se alcançaraõ:
Já vejo que aos ardores se accenderaõ
Autores, que este Heróe dignos cantaraõ,
E com razaõ, que para os seus louvores
Naõ servem moderados os furores.

35.

Eu que tendo o satyrico exercicio,
Tocar naõ ousou a lyra, e a trômbeta,
Ver-me-heis no câpo illustre em claro officio,
Que a voz, e a vista anima, e interpreta.
Dar-vos-hei as lições, que ao beneficio
Da Musa juvenil d'Horacio Athleta
No Parnaso alcancei, e a voz ardente,
O espirito estimule, a chamma augmente,

De longe eu mostro o premio , e a coroa ,
Mas quando chêo estou de justo zelo ,
Vejo a vossa razão que me perdôa
Se os vossos passos cuidadoso velo:
Se em máos Autores hum defeito sôa ,
Em apurar o ouro me desvelo ,
Talvez util Censor, talvez cançado ,
Mais do que sabio Autor, critico ousado.

(3)



RESPOSTA DE BOILEAU

AO EXCELLENTISSIMO

CONDE DA ERICEIRA,

NA OCCASIAO DE LHE ENVIAR ESTA SUA
TRADUCAO.

MEU SENHOR.

Ainda que as minhas obras tenhaõ feito algum estrondo no Mundo, nem por isso concebo huma opiniao muito avantajada do meu merecimento; e se os louvores que me daõ, me tem assaz lisongeadõ, naõ puderaõ com tudo cegar-me. Mas confesso que a traducçao que Vossa Excellencia se dignou fazer da minha Arte Poetica, e os Elogios de que ma envia acompanhada, me encheraõ de hum verdadeiro orgulho. Naõ pude logo ter-me em conta de hum homem ordinario, vendo-me taõ extraordinariamente honrado, e julguei, que ter hum traductor da capacidade, e elevaçao de Vossa Excellencia era para mim hum titulo de merecimento, que me distingua de todos os

Escritores do nosso seculo. Tenho hum conhecimento imperfeitissimo da Lingua Portugueza, e della naõ fiz estudo algum particular. Isso naõ obstante, entendi a traducçaõ de Vossa Excellencia, quanto bastou para nella me admirar a mim mesmo, e para me achar muito mais habil escritor em Portuguez do que Francez. E com effeito vós enriqueceis todos os meus pensamentos exprimindo-os. Tudo o que manejaes, se muda em oiro, e os mesmos seixos, para assim dizer, nas vossas mãos se tornaõ em pedras preciosas. Julgai, Senhor, por isso, se deveis exigir de mim, que vos note os lugares em que poderieis ter-vos apartado do meu sentido. Quando em lugar dos meus pensamentos, vós sem o cuidar, me substituisseis algum dos vossos, bem longe de os fazer tirar, eu me aproveitaria do vosso descuido, e os adoptaria logo para me fazer honra: mas em parte nenhuma me dais esta occasiaõ. Tudo he igualmente justo, exacto, e fiel na vossa traducçaõ; e bem que nella me afor- mozeasseis, naõ deixo de ahi mesmo me reconhecer em toda a parte. Naõ digais pois,

Senhor , que receais não me haver entendido ; dizei-me antes o que fizestes para entender-me tão bem , e para perceber na minha obra , até as delicadezas que eu julgava , que não podia sentir senão aquelle que nascesse em França , e fosse educado na Corte de Luiz o Grande. Por tanto eu vejo , que não sois estrangeiro em Paiz algum , e que pela extensaõ dos vossos conhecimentos sois de todas as Cortes , e de todas as Nações. A Carta , e os Versos Francezes que me fizestes a honra de escrever-me , são huma boa prova disto : nelles se não vê cousa alguma estrangeira , senão o vosso nome , e não ha homem de bom gosto em França , que não quizesse ter sido o seu Autor. Eu os mostrei a muitos dos nossos melhores Escriitores : não ficou hum só , que não ficasse extremamente admirado , e que me não desse a entender , que se recebesse de vós semelhantes louvores , vos teria já rescripto volumes de versos. Que pensareis pois , vendo que me contento com responder-lhes por huma simples carta de comprimento ! Não me accusareis de ser ingrato , ou grosseiro ? Não ,

Senhor, eu não sou nem huma, nem outra coisa, mas eu não faço versos, nem mesmo prosa, quando quero. Apollo he para mim hum Deos extravagante, que me não dá como a vós, audiencia a todas as horas. He-me necessario esperar momentos favoraveis. Cuidarei de os aproveitar logo que os achar, e me julgarei infeliz, se morrer sem vos pagar parte dos vossos Elogios. O que posso desde já dizer-vos he, que na primeira Edição das minhas obras não deixarei de ingerir-lhe a vossa traducção, e que não perderei occasião alguma de fazer saber a toda a terra, que das extremidades do nosso continente, e de tão longe, como as columnas de Hercules, me vieraõ os louvores de que eu mais me lisongéo, e a obra que mais me honra. Eu sou com o maior respeito

De V. Excellencia

Muito humilde, e muito obediente Servo.

DESPREAUX.

CATALOGO de alguns Livros que ha para vender brochados em Casa do Editor F. B. O. de M. Mechas, Mercador de Livros, no Largo do Caes do Sodre, N. 3. A.

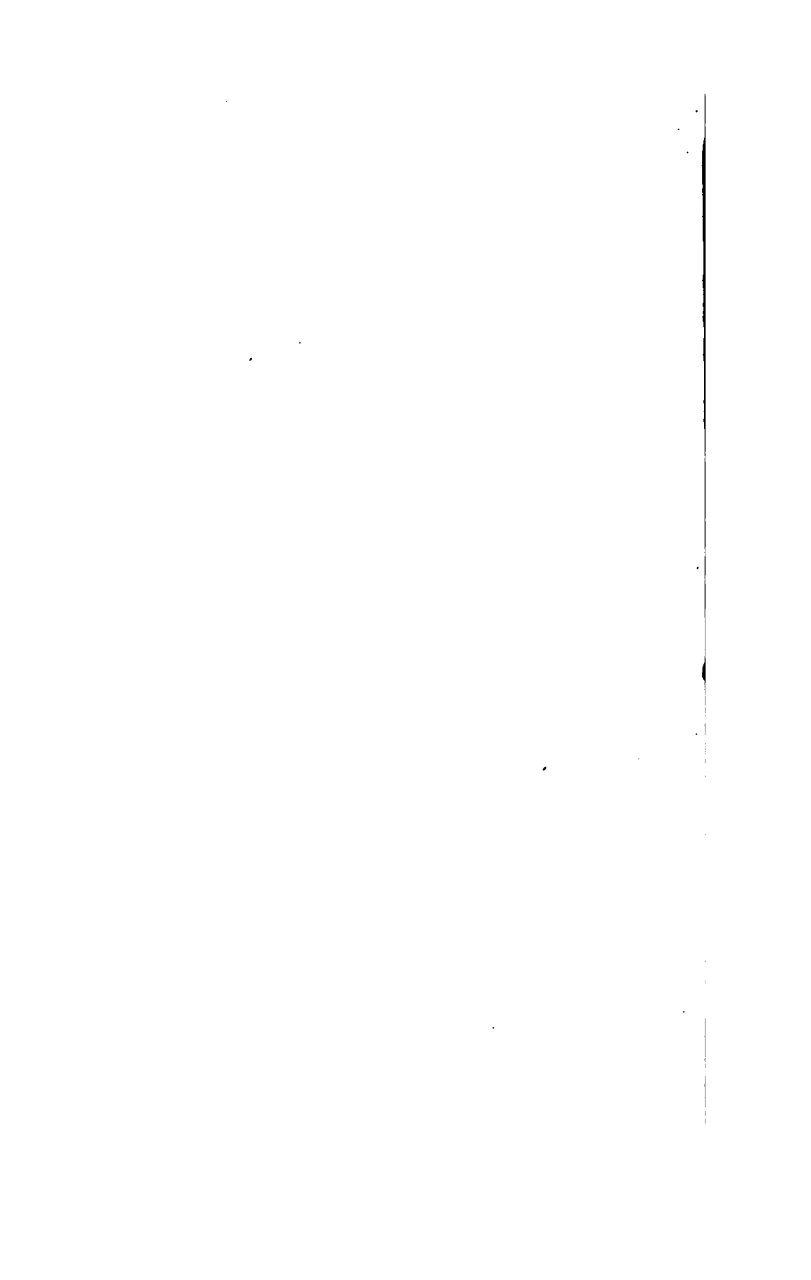
- As tristes Narrações de hum Solitario, ou o tragico fim da desgraçada Sofia. Historia moral, em que se mostra quanto póde a força da primeira inclinação, e paixão de dous Amantes, ligados pela virtude, e desunidos pela violencia. Nova Edição, em 8. 1818. br. 206
- Amor, e Probidade, Novella extrahida de hum Romance em Cartas, com o mesmo titulo em Alemão. Dada á luz por A. M. da C. S., em 8. 1818. br. 320
- Historia de Emilia, escrita por ella mesma, em 8. 1818. br. 100
- Julia, Historia Verdadeira, em 8. 1818. br. 100
- Fatima, e Zendar, ou o Fatal Destino, em 8. 1818. br. 80
- Azakia, ou a Fidelidade Conjugal, em 8. 1818. br. 80
- Sapho no Salto de Leucate, em 8. 1818. br. 120
- Julietta, e Claudina, ou as duas Amigas rivaes, em 8. 1818. br. 100
- Leocadia, ou a Innocente Victima do crime, em 8. 1818. br. 100
- Historia de Janny Lille, em 8. 1818. br. 100
- Carlota, Historia Inglesa, em 8. 1818. br. 200
- Henrique, e Emma, Poema de Prior, imitação da Bella Brune de Chaucer. Traduzido em Portuguez, em 8. 1818. br. 200
- Zaira, ou Hum Caso Extraordinario, em 8. 1818. br. 100
- Ⓞ Amigo das Mulheres. Traduzido do Francez. Nova Edição, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480
- Isaura, ou o Premio do Amor, e da Virtude, em 8. 1818. br. 100
- Sepultura de Lesbia: Poema em XII. Prantos, por

- Thomaz Antonio dos Santos e Silva. Segunda Edição, em 8. 1818. br. 240
- O Escravo das Paixões, ou o Principe de Moravia. Anecdota Historica, traduzida do Francez por Francisco de Paula e Oliveira, em 8. 1818. br. 240
- Vestinia, e Astor, ou o Amor generoso. Conto Moral, traduzido do Francez, e acompanhado de outro pequeno conto, que tem por titulo: Amor offendido, e vingado, em 8. 1818. br. 240
- Segredos das Artes Liberaes, e Mecanicas, recopilados, e traduzidos de varios Authores Selectos, que tratao de Fysica, Pintura, Architectura, Optica, Quimica, Dotradura, e Achoroadado, com outras curiosidades proveitosas, e diversas. Seu Author D. Bernardo de Monton. Vertido de Castelhana em Portuguez, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480
- O Perigo das Paixões, Conto Allegorico, e Moral, para servir de Lição á Mocidade, com huma Analyse sobre as Paixões Humanas. Nova Edição, em 8. 1818. br. 240
- Os Azares da Fortuna, ou a Historia de Roberto, o Provençal, escrita por elle mesmo, em 8. 1818. br. 240
- As Desgrças de Iddalina, pelo Ciume Indiscreto do Conde Tokenburg. Historia Alemã, em 8. 1818. br. 240
- O Sacrificio Frustrado, ou a Felicidade no ultimo lance, Historia traduzida do Inglez na Lingua Portugueza Segunda Edição, em 8. 2. Vol, 1818. br. 480
- A Atlicção Confortada: Dirigida á Virtude da Paciencia. por Joao Baptista de Castro. Quarta Edição, em 8. 1818. br. 240
- Aforismos moraes, e instructivos, Sentenças, Pensamentos, Bons ditos, &c. Obra util a todo o genero de pessoas, aonde se achao documentos necessarios para a boa instrucção da vida civil, e recreio honesto

- para toda á qualidade de pessoas. Compilados de diferentes, e excellentes Authores. Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 300
- Laura, e Ineffilla, ou as Orfãs He-panholas. Historia de Mr. Desfontaines, traduzida em Portuguez. Nova Ediçaõ, em 8 1818. br. 240
- Arte de Conhecer os Homens, escrita em Francez pelo Abbade de Bellegardé, e traduzida em Portuguez. Nova Ediçaõ, em 8. 2. Vol. 1818: br. 480
- Compendio de Arithmetica, para uso das Primeiras Escolas, composto por ***. Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 240
- As Mulheres Célebres da Revoluçaõ Franceza. ou o Quadro Energico das Almas Sensiveis, em 8. 2 Vol. 1818. br. 360
- Methodo Grammatical resumido da Lingua Portugueza, composto por Joaõ Joaquim Ca-imi-ro, Professor de Grammatica; Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 240
- Fabulas Literarias de D. Thomas Yriarte, traduzidas do Castelhana em Portuguez. Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 200
- Contos Filosoficos para Instrucçaõ, e Recreio da Mocidade Portugueza, por Francisco Luiz Leal, Professor Regio de Filosofia. em 8 2 Vol 1818. br. 300
- Jula, Historia Instructiva. 1. Folheto, em 8. 1817. br. 120
- Breve Tratado do Jogo do Whist, que contém as leis do Jogo, e algumas regras, pelas quaes se pôde conseguir o jogallo bem, addicionado com duas computações: huma sobre as apostas em qualquer ponto do Jogo; e outra para dar a conhecer ao parceiro huma, e mais cartas. Traduzido da Lingua Ingleza sobre a oitava ediçaõ de Londres, na Portugueza. Segunda Ediçaõ, em 8. 1818. br. 240
- O Arrependimento, ou Confissaõ Pública de Voltaire.

Traduzido do Francez, em 8. 1817. b.	200
Vida do Grande Filosofo Abeilard, e de sua Esposa Heloiza. em 8. 1818. br.	200
Passatempo Honesto, e Familiar ou Collecção de quarenta e oito jogos geralmente conhecidos pela denominação de Jogos de Prendas; entretenimento para passar divertidas as grandes noites de Inverno, com diferentes Sentenças adequadas para augmentar o Divertimento. Traduzido em Portuguez. Segunda Edição correctá, e accrescentada com hum Indice geral dos Jogos, em 8, 1818 br.	320
A Doente Fingida, e o Medico honrado; Comedia de Goldoni, traduzida da Lingua Italiana na Portugueza. Segunda Edição. 1. Folheto, em 8. 1817. br.	120
Evandro, e Alcina, Pastoral de Mr. Gessner, traduzida do Alemaõ, em 8. 1817. br.	160
O Jogo do Voltarete posto em melhor ordem, com hum Grande Voltarete, duas favoritas, as vazas pagas, tambem novas pagas. Sendo o Titulo o seguinte: o Grande Voltarete. 1. Folheto, em 12. 1817. br.	60
Elvira, Historia Instructiva, e Moral. 1. Folheto em 8. 1817. br.	80
Pasto do entendimento nas horas vagas jovial, e serio. Obra Periodica. 1. Folheto, em 8. 1817. br.	80
Celestina. Novella Hespanhola, escrita na Lingoa Franceza por Mr. Florian, e traduzida na Portugueza. 1. Folheto, em 8. 1817. br.	120
Saudades de D. Ignez de Castro, Poema em dous Cantos: por Manoel de Azevedo, em 8. 1817. br.	120
Elizaida, ou Amor vencido. Por Belmiro Pastor do Douro. 1. Folheto, em 8. 1817. br.	120
Ensaios sobre o Homem, Poema Filosofico de Alexandre Pope. Traduzido do Original Inglez na Lingoa Portugueza por A. Teixeira, 1817. em 8. br.	240

1





14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below, or
on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

DEC 14 1967 64

RECEIVED

DEC 22 '67 10 AM

RECEIVED BY

NOV 3 1980

CIRCULATION DEPT.

RECEIVED 1995

DEC 07 1994

CIRCULATION DEPT.

U. C. BERKELEY LIBRARIES



C047901967

YC178152

